

# Adolescentes não adoecem?

**Estudo derruba teorias ao mostrar por que 20% dos jovens Campinas têm diagnóstico de doença crônica**

MARIA ALICE DA CRUZ  
halice@unicamp.br

**Q**uem deve atender os adolescentes? Quantos pais já fizeram essa pergunta no momento em que o filho, ao atingir 14 anos de idade, precisou passar por atendimento médico? De acordo com a pediatra Marici Braz, o impasse está também na cabeça dos médicos, pois o pediatra especializa-se em atender crianças, e o clínico nem sempre está preparado para lidar com o paciente que acaba de sair da infância. Esta lacuna faz, segundo Marici, com que o adolescente seja “terra de ninguém” e pode estar ligada ao mito de que adolescente não fica doente. Mas em sua dissertação de mestrado, com dados obtidos do inquérito populacional realizado em 2008 e 2009 (ISACamp 2008/2009), ela observou que 20% dos adolescentes de Campinas têm diagnóstico de doença crônica (asma, doença cardíaca hipertensão, diabetes, etc). Outro fator preocupante é que 60% dos entrevistados referem ter algum problema de saúde como dor de cabeça, dor nas costas, insônia, nervosismo, entre outros. “É consenso falar que eles não ficam doentes, mas os números estão registrados, e é preciso tomar iniciativas em relação a isso”, enfatiza Marici.

Os adolescentes acima de 15 anos apresentaram maior prevalência de doenças crônicas, segundo a pediatra. Asma foi a doença mais citada pelos adolescentes (8%), seguida das doenças do coração, manifestadas por 2%



Foto: Antoninho Perri

**A pediatra Marici Braz, autora da dissertação: defendendo a avaliação biopsicossocial do adolescente**

dos entrevistados, hipertensão, 1%, e diabetes, menos de 1%. Porém, ao declarar os problemas de saúde, 10% referem-se a problemas emocionais e 6%, a insônia, 42% dizem ter alergia, e 25%, dor de cabeça.

As adolescentes grávidas apresentaram maior razão de prevalência de doença crônica quando comparadas a adolescentes não-grávidas, o que não significa que as doenças sejam ligadas à gravidez. Marici informa que em pesquisas realizadas em outros países, verificou-se que as adolescentes com doenças crônicas têm mais parceiros sexuais e tomam menos anticoncepcionais. Diante dessas informações, esta pode ser também uma hipótese para a maior prevalência. “Deve-se tomar cuidado para não inverter a causa”, diz Marici.

A ocorrência de doenças crônicas também é expressiva entre adolescentes trabalhadores, também inseridos no grupo acima de 15 anos. Ela explica que a mesma evidência ocorre entre os adultos, pois quanto mais velho, mais sujeito a desenvolver doenças crônicas. “Talvez porque estejam se

aproximando mais da idade adulta”, explica Marici. A maior prevalência também aparece entre adolescentes com quadro de obesidade.

Em relação aos problemas de saúde, foi encontrada maior prevalência em adolescentes do sexo feminino, o que ocorre também entre os adultos. Esse dado pode estar ligado a um fator cultural, já discutido amplamente, que diz respeito ao fato de a mulher procurar mais atenção médica. “Homem é mais reservado, se queixa menos”, acrescenta. Além disso, a mulher busca mais informações sobre cuidados com a saúde.

De acordo com Marici, enquanto pesquisas com adultos mostram que a prevalência de doenças está ligada à escolaridade e à situação socioeconômica, entre os jovens não foi encontrada nenhuma evidência nesse sentido.

Os dados levantados devem mudar a ideia de que o adolescente não fica doente e contribuir para que os serviços de saúde sejam organizados para um melhor acolhimento dos jovens. De cinco anos para cá, segundo a pediatra, as coisas estão melhorando. Ela

informa que em Campinas é realizado um curso de capacitação de médicos pediatras, enfermeiros, psicólogos da rede básica de saúde para estimular o atendimento dos adolescentes com outro enfoque, abordando a questão da puberdade e da sexualidade. “O que preconizamos no atendimento do adolescente é fazer algo ampliado, como uma avaliação biopsicossocial do adolescente”, afirma Marici.

De acordo com ela, as queixas podem ser somente psicossomáticas, mas não é por isto que não são importantes. Segundo a pediatra, a avaliação do contexto familiar e socioeconômico em que vivem os adolescentes, as situações de ansiedade pelas quais estão passando devem ser valorizadas, assim como a questão do corpo e a busca da autonomia.

A pesquisa pode mudar o olhar dos pais, da sociedade e da medicina em relação à saúde dos adolescentes. Para Marici, os dados são importantes também para repensar a formação dos médicos. Dentro da pediatria, o futuro médico deve ser estimulado a olhar para o adolescente de forma diferen-

ciada. Para ela, se o clínico tiver este olhar, enxergará o adolescente não como adulto, mas com características próprias de sua faixa etária. Porém, a Sociedade Brasileira de Pediatria define que o pediatra seria o melhor profissional para acompanhar o jovem até os 20 anos de idade. Hoje, já existe uma discussão para que o atendimento se estenda até os 24 anos, segundo Marici.

A pediatra lembra que o novo modelo de vida, com acesso à informática, espaço cibernético, também é um aspecto novo para o qual os médicos devem se confrontar neste momento. Alguns sintomas podem estar relacionados com o tempo que o adolescente permanece diante do computador. Mas esse tema ficará para o doutorado, em que ela avaliará a qualidade de vida e os hábitos saudáveis dos adolescentes, passando por alimentação, atividade física, uso de cigarro e álcool, acesso dos adolescentes ao serviço de saúde, entre outros.

Médica do departamento de Pediatria da FCM, Marici afirma que os adolescentes somente procuram atendimento em situação de doença aguda. “Neste momento em que eles chegam com queixa aguda, procuramos acolhê-los e aproveitar a oportunidade de propor um seguimento com agendamento de retorno”. Esse é o momento de fazer avaliação geral do paciente.

A pediatra lembra que na adolescência o próprio paciente deve expor os sintomas e conversar diretamente com o médico, pois quando é criança quem observa os sintomas são os pais. Para que eles falem o que estão sentindo é preciso que o médico o acolha e ele sinta confiança e estabeleça uma boa relação médico-paciente. O inquérito foi realizado com mil adolescentes. “Esperamos, de fato, contribuir para mudar essa visão de que todo adolescente é saudável”, conclui Marici.

**Publicação**  
Dissertação: “Doenças crônicas e problemas de saúde em adolescentes do município de Campinas”  
Autora: Marici Braz  
Orientação: Antonio de Azevedo Barros Filho  
Unidade: Faculdade de Ciências Médicas (FCM)

# Engenheiro propõe método para troca de redes de água

**Outros critérios devem ser levados em conta no momento de decidir sobre a reabilitação**

RAQUEL DO CARMO SANTOS  
kel@unicamp.br

As redes de abastecimento de água nem sempre deveriam ser substituídas apenas pelo seu tempo de uso, como usualmente é considerado no planejamento das empresas. É importante que outros critérios pesem na balança no momento de decidir sobre a reabilitação. “O envelhecimento das tubulações pode levar ao aumento da frequência de vazamentos e outras consequências, mas itens como qualidade e a pressão da água, índice de perdas e energia elétrica também devem ser observados”, acredita o engenheiro Alex Orellana. E foi este método analítico que ele se propôs a desenvolver para planejamento de reabilitação de redes de água na Companhia de Saneamento Básico



**Alex Orellana, autor da dissertação: “Itens como qualidade e a pressão da água devem ser observados”**

de São Paulo (Sabesp), Unidade de Negócio Norte.

O estudo foi realizado a partir do caso real de quase seis quilômetros de rede de água e com todos os dados verídicos da Unidade de Negócio Norte da Sabesp. Os resultados demonstram que setores com tubulações que estariam em primeira ou segunda ordem de prioridade para serem substituídas, unicamente pelo critério da idade da tubulação, acabaram caindo para a décima posição. “O método

aponta onde estão os pontos de pior desempenho e, a partir disso, monta-se uma planilha de priorização”, explica. O estudo rendeu o título de mestre ao engenheiro que apresentou o trabalho na Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC).

Orientado pelo professor José Gilberto Dalfré Filho, Orellana conseguiu com a pesquisa provar que outros critérios são importantes na hora da decisão. Ele explica que as redes de abastecimento de água instaladas

antes da década de 1970 já sofreram muita deterioração pelo tempo de uso. O tempo médio de duração da tubulação gira em torno de 50 anos. No entanto, a substituição destas tubulações é algo complexo e demanda um planejamento viável. “Um exemplo é imaginar que as reabilitações ocorreriam a 1% ao ano. Isto quer dizer que seriam necessários 16 anos para se concluir o processo, considerando que 1/5 do sistema estaria em condições de troca”, exemplifica.

Alex Orellana lembra ainda a questão dos custos para reabilitação. Em determinados casos, o processo fica muito mais oneroso em comparação com a instalação de um sistema novo. Com a crescente demanda para expansão das redes, substituir as tubulações antigas acaba sendo dispendioso para a empresa, sem considerar as tecnologias, que devem ser de ponta. Em uma rua movimentada, explica, é necessário recuperar o desempenho da rede sem destruir o espaço. “Este processo é algo difícil de alcançar. Por isso, as empresas não entram com fortes investimentos neste aspecto”, argumenta.

Nestes termos, explica, esta é uma das grandes contribuições da pesquisa, pois conseguindo determinar quais pontos apresentem pior desempenho, teoricamente o retorno financeiro também ocorrerá. “O estudo se mostra atraente, pois é possível reduzir o índice de perdas com melhoria da qualidade e, conseqüentemente, haverá retorno da economia de despesas”, atesta.

**Publicação**  
Dissertação: “Metodologia para o planejamento de reabilitação de redes de distribuição de água”  
Autor: Alex Orellana  
Orientador: José Gilberto Dalfré  
Unidade: Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC)